

A NEGAÇÃO PRIMORDIAL NA CONSTITUIÇÃO PSÍQUICA: O PROBLEMA DA AFIRMAÇÃO-EXPULSÃO (*BEJAHUNG-AUSTOSSUNG*) SEGUNDO FREUD E LACAN

THE PRIMORDIAL NEGATION IN THE PSYCHIC CONSTITUTION:
The problem of affirmation-expulsion (*Bejahun-Aussotssung*)
in according to Freud and Lacan

André Oliveira Costa*

RESUMO: O presente trabalho tem por objetivo estudar o processo de negação presente na formação da subjetividade segundo a psicanálise. Buscamos elucidar o problema da negação na filosofia hegeliana para compreender uma lógica da negação presente na constituição psíquica. Nossa hipótese é a de haver alguns elementos em comum entre o processo de negação na lógica dialética de Hegel e a negação presente na constituição das estruturas psíquicas de acordo com a psicanálise.

PALAVRAS-CHAVE: Hegel. Psicanálise. Negação. Dialética.

ABSTRACT: The present work aims to study the process of negation in the formation of the subjectivity in according to psychoanalysis. We pretend to explain the problem of the negation in the hegelian's philosophy to understand a logic of negation in the psychic constitution. Our hypothesis is to have some elements in common enters the negation process in the logical dialectic of Hegel and the negation in the constitution of the psychic structures in accordance with the psychoanalysis.

KEY WORDS: Hegel. Psychoanalysis. Negation. Dialectic.

1. A negação na filosofia de hegel

Uma negação, na lógica bivalente clássica, surge para contradizer o valor de verdade de uma afirmação. Dessa forma, “o que é caracterizado como negação de um enunciado é justamente aquilo que é verdadeiro se o enunciado for falso.”¹ O valor de verdade da negação de uma sentença depende do valor de verdade desta sentença. Se afirmarmos como verdade que “uma rosa é vermelha”, então a negação desta sentença é necessariamente falsa. Como

* Mestrando em Filosofia-PUCRS/Capes Contato: andre_oc@hotmail.com

¹ TUGENDHAT e WOLF. *Propedêutica lógico-semântica*. Petrópolis: Editora Vozes, 1997, p. 87.

INTUITIO	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.1 - No.2	Novembro 2008	pp. 33-48
----------	-------------------	--------------	------------	------------------	-----------

conseqüência, a negação desta negação volta a ter o mesmo valor de verdade da primeira afirmação. Afirmar “não é o caso que uma rosa não é vermelha” equivale, no valor de verdade, à sentença “uma rosa é vermelha”. Trata-se, portanto, da mesma afirmação inicial.

Hegel afirma que a negação é uma operação que acarreta em si mesma uma afirmação, ou seja, a negação é um processo de determinação de algo e que tem como resultado sua caracterização e diferenciação sobre outras afirmações. Assim, uma sentença “p” já carrega em si mesma sua negação e com isso o contraste com as determinações da sentença “não-p”. Portanto, considera-se, primeiramente, a negação em Hegel como sendo sempre uma determinação em diferenciação com outra determinação e, assim, conseqüentemente, traz em si uma estrutura relacional. Toda negação, desse modo, produz relações entre determinações; a negação é, portanto, necessariamente uma mediação. Para Hegel, não só o discurso lógico, mas também as coisas são determinadas e podem ser negadas, pois sempre se colocam em contraste com outras determinações, de forma que elas sejam o que as outras não são.

Hegel escreve o seguinte na Introdução da *Ciência da Lógica*: “a proposição lógica, que afirma que o negativo é o positivo, ou que o contraditório não se resolve em um zero, em um nada abstrato, mas apenas essencialmente na negação de seu conteúdo particular”.² Assim, a definição da negação como determinação permite com que esta operação nunca leve a um resultado que represente um zero ou mesmo uma privação parcial ou total dos termos anteriores. Dessa forma, a negação de uma coisa sobre outra, ou sobre ela mesma, sempre produz uma afirmação que é diferente da primeira determinação. Continua Hegel:

Por conseguinte, no resultado está contido essencialmente aquele do qual resulta (...). É um novo conceito, mas um conceito superior, mais rico que o precedente; porque se enriqueceu com a negação deste conceito precedente, ou seja, com seu contrário; por conseqüência, o contém, mas contém algo mais que ele, e é a unidade de si mesmo e de seu contrário.³

Ora, vemos com esta passagem já o movimento processual de uma negação. Esta operação não encerra em um resultado de privação ou ausência, mas tem como efeito algo que é mais complexo do que se encontrava anteriormente posto. Trata-se, portanto, de um resultado

² HEGEL. *Ciência de la Logica*. Tradução de Augusta e Rodolfo Mondolfo. 2ª Ed. Buenos Aires: Ediciones Solar, 1968, p. 50.

³ HEGEL. *Ciência de la Logica*. Tradução de Augusta e Rodolfo Mondolfo. 2ª Ed. Buenos Aires: Ediciones Solar, 1968, p. 50.

INTUITIO	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.1 - No.2	Novembro 2008	pp 33-48
----------	-------------------	--------------	------------	------------------	----------

enriquecido com a resolução da contradição, pois a contém em si como parte integrante de suas determinações.

Vemos nesse processo de negação um movimento que traz consigo três aspectos, a saber, o da própria operação negativa, o da resolução ou superação desta negação e o do enriquecimento do resultado através da manutenção desta contradição. Assim, Hegel apresenta o conceito de suprassunção (*Aufhebung*). Por suprassunção entende-se a tripla significação de negar, elevar e conservar. Ora, para Hegel, quando algo é suprassumido, ele sai da imediatidade, ou do estado menos mediado, para um mais mediado, quer dizer, é uma operação de negação que tem como resultado uma determinação positiva mais complexificada que a anterior. Sobre a definição de *Aufhebung*, afirma Hegel:

Por aufheben entendemos primeiro a mesma coisa que “hinwegräumen” [ab-rogar], “negieren” [negar], e por conseguinte dizemos, por exemplo, que uma lei, um dispositivo são “aufgehoben” [ab-rogados]. Mas além disso significa também o mesmo que *aufbewahren* [conservar], e nesse sentido dizemos que uma coisa está “wohl aufgehoben” [bem conservada].⁴

Trata-se, portanto, de um conceito que tem ao mesmo tempo significação positiva e negativa, e sua ocorrência, do mesmo modo que no processo dialético, dá-se nos níveis lógico e real.

Na *Fenomenologia do Espírito*, Hegel coloca a operação de negação como imanente ao desenvolvimento da consciência. A negação para ela, portanto, não é estranha, mas participa deste desenvolvimento necessário. Trata-se, assim, de um movimento de ascensão da consciência ao seu próprio conceito. Hegel escreve sobre esta idéia:

O que está restrito a uma vida natural não pode por si mesmo ir além de seu ser-aí imediato, mas é expulso-para-fora dali por um Outro: esse ser-arrancado-para-fora é sua morte. Mas a consciência é para si mesma seu *conceito*; por isso é imediatamente o ir-além do limitado, e – já que este limite lhe pertence – é o ir além de si mesma.⁵

A negação, dessa forma, se põe como o motor que leva a consciência em direção à efetivação de suas determinações. Assim, a negação participa deste automovimento da consciência no rompimento da disparidade entre o saber de si e o saber de algo outro.

⁴ HEGEL. *Enciclopédia das Ciências Filosóficas em compêndio*. Volume I – A Ciência da Lógica. São Paulo: Edições Loyola, 1995, p. 194.

⁵ HEGEL. *Fenomenologia do Espírito*. Tradução de Paulo Meneses. Petrópolis: Editora Vozes, 2003, p. 76.

INTUITIO	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.1 - No.2	Novembro 2008	pp 33-48
----------	-------------------	--------------	------------	------------------	----------

Kojève coloca como consequência do papel da negação o abandono da consideração do ser como estático, para a do ser como movimento e criação. Para o autor, apenas pela força do negativo é que o homem pode formar-se como homem e diferenciar-se da animalidade do ser dado. É a negação do ser imediatamente dado, que é identidade consigo mesmo, o que o cinde na relação entre sujeito e objeto, entre homem e natureza. Apenas através do discurso, segundo o autor, é que a natureza do homem pode ser formada. “Compreender o homem pela compreensão de sua origem é, portanto, compreender a origem do Eu revelado pela palavra.”⁶ A formação do discurso e do pensamento, isto é, a capacidade de fazer representações, é o que distancia o homem de sua condição imediata, de sua natureza animal. Para o autor, a realidade do homem, enquanto realidade dialética e mediatizada, resulta da negação de sua realidade natural e imediata. Mas não basta, para Kojève, que o homem se represente como ser estático, eterno. Deve-se, antes, se dar uma representação criadora “porque vive em função do futuro, se apresenta para ele sob a forma de um projeto ou de um objetivo [*Zweck*] a realizar pela ação negadora do dado, e porque ele só é real como homem na medida em que ele se cria por essa ação como uma obra (*Werk*).”⁷

O fato de o homem não poder apreender imediatamente a totalidade do real, segundo Kojève, deve-se à atividade de seu pensamento ser essencialmente discursiva. O pensamento procede por meio de palavras, que determinam a realidade através de sua separação e reunião em diferentes conceitos. Para que isto ocorra, entretanto, é fundamental que se dê uma operação negativa. Hegel, para Kojève, pretende esclarecer o que permite a separação da relação imediata do homem com seu suporte natural.

[o homem] é o resultado do esforço de uma força absoluta, e é essa força; ele é negatividade encarnada, ou, como diz Hegel, ‘entidade-negativa-ou-negadora’ (*das Negative*). Só quando se compreende o homem como negatividade, ele é compreendido em sua especificidade humana ‘miraculosa’, que dele faz um Eu que pensa e que fala (...).⁸

O fato de o homem estar ligado a esta ação negadora é o que o define enquanto movimento de criação dialético e mediado pelo discurso. A atividade do negativo, dessa forma, ao construir a capacidade discursiva e representativa do homem, coloca-o em oposição

⁶ KOJÈVE. *Introdução à leitura de Hegel*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2002, p. 11.

⁷ KOJÈVE. *Introdução à leitura de Hegel*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2002, p. 498.

⁸ KOJÈVE. *Introdução à leitura de Hegel*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2002, p. 511.

INTUITIO	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.1 - No.2	Novembro 2008	pp 33-48
----------	-------------------	--------------	------------	------------------	----------

a sua condição natural. Partimos, portanto, dessa força negadora que engendra o discurso e o pensamento do homem, para compreender a negação na psicanálise.

A religião da razão consiste no conhecimento e no cumprimento de todos os deveres morais como se fossem mandamentos divinos⁹. Há, notoriamente, uma redução da religião à moral. A religião aparece como um “reforçador” da moral. Entendida dessa forma, o problema é descobrir como relacionar a religião (= lei moral) com a natureza humana. Kant discute, ao tratar da religião, a teoria da natureza humana, que é sinônimo de antropologia moral¹⁰. Essa problemática é o universo conceitual diante do qual o filósofo conclui que o homem possui uma disposição originária para o bem – o que constitui o fulcro desse ensaio.

Dado que a disposição originária¹¹ para o bem é inseparável da lei moral, é necessário, num primeiro momento, caracterizar, de forma ampla, a concepção moral kantiana, cujo fundamento está no fato da razão. O bem e o mal, em Kant, são incompreensíveis sem a lei moral. A lei é boa em si mesma e, por isso, constitui o móbil de uma ação boa. Assim, o fato da razão é um elemento imprescindível para esse estudo.

2. A negação na psicanálise: o problema da afirmação-expulsão na constituição psíquica.

Aproximar a constituição subjetiva à negação no sentido hegeliano é o elemento central deste trabalho. Nossa primeira proposta é a de situar a constituição psíquica, segundo a psicanálise, a partir do movimento negativo, que não é imanente ao sujeito, conforme em Hegel, mas resultado de uma relação com o Outro. Dessa forma, consideramos como fundamental a idéia de que para ocorrer a constituição psíquica deve haver um processo de negação. Partiremos, então, de textos freudianos para compreender a “afirmação primordial” e a “expulsão primordial” na formação de toda estrutura psíquica. Trata-se da operação de *Bejahung-Austossung*, extraída do texto de Freud “A negação”, de 1925, e do comentário de Hyppolite sobre o mesmo.

⁹ Cf. KOJÈVE. *Introdução à leitura de Hegel*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2002. p. 155.

¹⁰ Esse conceito é introduzido por Kant na *Metafísica dos costumes*: “O complemento de uma metafísica dos costumes, como o outro membro da divisão da filosofia prática em geral, seria a antropologia moral, que conteria, entretanto, somente as condições subjetivas, tanto obstaculizadoras como favorecedoras, da realização das leis da primeira na natureza humana (...)”. KANT, I. *La metafísica de las costumbres*. Madrid: Tecnos, 1994, p. 21.

INTUITIO	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.1 - No.2	Novembro 2008	pp 33-48
----------	-------------------	--------------	------------	------------------	----------

A função da linguagem para a determinação humana em Hegel e Lacan

Falamos anteriormente das considerações de Kojève a respeito da força negativa que afasta o homem de seu estado de ser imediatamente dado para o da capacidade de pensar discursivamente. Do mesmo modo que Kojève, Lacan atribui à função da fala papel fundamental para a determinação da natureza humana. Apenas por surgir imerso dentro de uma rede simbólica é que o homem pode se constituir. Para que o homem se realize, então, ele já deve ser, de partida, negação de uma condição primária que mantém relação imediata, não representada, com o mundo. E esta negação, tanto para Kojève, quanto para Lacan, ocorre através da linguagem. Nas palavras daquele autor, vemos o seguinte: “O homem é consciência-de-si. É consciente de si, consciente de sua realidade e de sua dignidade humana. É nisso que difere essencialmente do animal, que não ultrapassa o nível do simples sentimento de si. O homem toma consciência de si no momento em que – pela primeira vez – diz: Eu.”¹² Para Lacan, por sua vez, também é o nível simbólico, representado pelo discurso e pelos significantes, o fundamento para a estruturação subjetiva. Assim, “[a função simbólica] é a presença na ausência e a ausência na presença.”¹³ Portanto, enquanto rede de significantes, o mundo simbólico não representa imediatamente algo, mas representa algo mediado pela sua ausência. A palavra, então, é o elemento que instaura um objeto que já não se caracteriza mais como tal.

Para Lacan, a palavra é o que dá permanência ao objeto. Nomear, dessa forma, é permitir com que algo possa permanecer para além de sua condição dada. Afirma:

É pela nomeação que o homem faz subsistir os objetos numa certa consistência. Não é à distinção espacial do objeto, sempre pronta a dissolver-se numa identificação ao sujeito, que a palavra responde, mas sim à sua dimensão temporal. O objeto, num instante constituído como uma aparência do sujeito humano, um duplo dele mesmo, apresenta, entretanto, uma certa permanência através do tempo, que não é indefinidamente durável, já que todos os objetos são perecíveis. Esta aparência, que perdura um certo tempo, só é estritamente reconhecível por intermédio do nome. O nome é o tempo do objeto.¹⁴

¹¹ Os conceitos *disposição originária* e *predisposição* são aqui utilizados como sinônimos.

¹² KOJÈVE. *Introdução à leitura de Hegel*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2002, p. 11.

¹³ LACAN. *Seminário 2 – O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985, p. 55.

¹⁴ LACAN. *Seminário 2 – O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985, p. 215.

INTUITIO	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.1 - No.2	Novembro 2008	pp 33-48
----------	-------------------	--------------	------------	------------------	----------

A nomeação, portanto, seguindo os preceitos de Hegel, age positivamente ao ampliar a temporalidade do objeto, mas negativamente ao elevá-lo de sua condição de objeto dado. A palavra instaura a coisa enquanto conceito e faz dele a própria coisa mesma. Esta, entretanto, é uma operação de negação que pressupõe, para sua ocorrência, a existência de algo já constituído primitivamente. É interessante observarmos o que Hegel apresenta no início da *Fenomenologia do Espírito*, a saber, o capítulo “A certeza sensível ou: o Isto ou o Visar”. No processo de conhecimento de si e do outro, a consciência inicia pela condição mais simples e mais imediata, que é a certeza sensível. Analisando esta primeira forma de conhecimento, Hegel escreve o seguinte:

O conteúdo concreto da *certeza sensível* faz aparecer imediatamente essa certeza como o *mais rico* conhecimento, e até como um conhecimento de riqueza infida (...). Além disso, a certeza sensível aparece como a *mais verdadeira*, pois do objeto nada ainda deixou de lado, mas o tem em toda a sua plenitude, diante de si.¹⁵

Ora, justamente o que Hegel vai mostrar no início desta obra é a impossibilidade da consciência ter acesso à representação imediata do objeto. Isto deve-se justamente pelo fato de a consciência, ao buscar apreender o objeto, necessariamente deve passar pela estrutura da linguagem. A “pura relação imediata” que aparece na certeza sensível, portanto, mostra-se como a “*verdade* mais abstrata e mais pobre.” Dessa forma, o que permanece da certeza sensível deve-se apenas ao fato de que aquilo pelo qual é sentido é mediado pela linguagem. Afirma Hegel: “Mas, como vemos, o mais verdadeiro é a linguagem: nela refutamos imediatamente nosso *visar*, e porque o universal é o verdadeiro da certeza sensível, e a linguagem só exprime esse verdadeiro, está pois totalmente excluído que possamos dizer o ser sensível que *visamos*.”¹⁶ Assim, o início da *Fenomenologia* também marca a passagem do momento de representação imediata dos objetos para a relação da consciência com o objeto mediada pela linguagem.

¹⁵ HEGEL. *Fenomenologia do Espírito*. Tradução de Paulo Meneses. Petrópolis: Editora Vozes, 2003, p. 85.

INTUITIO	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.1 - No.2	Novembro 2008	pp 33-48
----------	-------------------	--------------	------------	------------------	----------

Gênese da estruturação psíquica: a instauração do real e do simbólico.

Nesta leitura que Hyppolite realiza, em 1954, do texto *A negação*, coloca-se a discussão da negação constitutiva do sujeito. Segundo ele, Freud, neste texto, analisa a função do pensamento judicativo e as condições de sua formação através de negação. A oposição entre subjetivo e objetivo não está dada desde o início, para Freud, e este processo de diferenciação do mundo externo com o mundo interno acarreta a entrada do sujeito no registro das representações e da linguagem. Segundo Hyppolite, trata-se inicialmente de um momento mítico da formação subjetiva, onde não haveria, nesta largada inicial do sujeito, nada que fosse estranho ao pensamento. Tudo aquilo que fosse interior ao sujeito encontrava-se também presente no exterior, fora dele. Vale, neste momento, retomar o que Freud, já em seu escrito pré-psicanalítico, *Projeto para uma psicologia científica*, de 1895, postulava como primeira estrutura do aparelho psíquico e a gênese do pensamento e da cognição.

Neste texto, Freud organiza o aparelho psíquico através de redes neuronais que se distinguem funcionalmente. Considera, primeiro, os neurônios responsáveis pelo contato com o mundo externo, tendo como função apenas a receptividade das excitações originadas de fora. Outros dois tipos de neurônios são responsáveis pelas descargas provindas destas excitações externas e apenas um tipo de neurônio é responsável pelo registro mnêmico de parte destas excitações. Dessa forma, o conteúdo que fora percebido num primeiro momento pode ficar armazenado no sistema mnêmico. Segundo Freud, a quantidade de excitação dentro do aparelho psíquico que fica armazenada produz desprazer, e a sua descarga traz, conseqüentemente, a sensação de prazer. A representação daquele objeto que trouxe pela primeira vez esta experiência de satisfação (descarga por via motora ou por via externa) fica registrada como um trilhamento (*Bahnung*) para as situações desprazerosas. O desejo surge, neste momento, como uma tendência do aparelho em buscar novamente o primeiro procedimento de descarga que trouxe prazer. A tendência do aparelho psíquico, dessa forma, é retomar este objeto que possibilitou a satisfação.

Afirma Freud: “Não tenho dúvida de que na primeira instância essa ativação do desejo produz algo idêntico a uma percepção – a saber, uma *alucinação*. Quando uma ação reflexa é

¹⁶ HEGEL. *Fenomenologia do Espírito*. Tradução de Paulo Meneses. Petrópolis: Editora Vozes, 2003, p. 88.

INTUITIO	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.1 - No.2	Novembro 2008	pp 33-48
----------	-------------------	--------------	------------	------------------	----------

introduzida em seguida a esta, a conseqüência inevitável é o desapontamento.”¹⁷ Quer dizer, já a partir do retorno do desejo de satisfação, torna-se impossível reencontrar aquele objeto, e até mesmo aquela representação, que trouxe a primeira experiência de satisfação. Por isso, seu pressuposto é que o objeto só pode ser *reencontrado*, mas nunca *encontrado*. Ora, este momento, no qual o objeto é representado dentro do sistema mnêmico do aparelho psíquico, significa a introdução no sujeito de representações de objetos que já não se encontram mais fora dele, pois foram revestidas de associações e significações ao longo das experiências de prazer e desprazer do sujeito.

Voltamos, então, ao processo no qual a primeira impressão é inscrita no aparelho psíquico. Na carta 52 escrita a Fliess, no ano de 1896, Freud distingue quatro registros de um primeiro esboço de aparelho psíquico. Importam-nos, neste momento, os dois primeiros estratos, a saber, o *W*, das “percepções” (*Wahrehumngen*) e o *Wz*, do “signos da percepção” (*Wahrehumngszeichen*)¹⁸. Tratam-se de distintos estratos psíquicos organizados segundo diferentes defesas ou negações. O primeiro nível diz respeito aos neurônios que se originam das percepções, onde o percebido não pode deixar marca. Quando isto ocorre, quando deixa traços, o percebido é colocado sob duplo aspecto, o de realidade (*Wahrehnehmung*) e o de signo (*Zeichen*). Este signo, que podemos chamar de “signo lingüístico”, registro das primeiras experiências do sujeito, organizado por associações de simultaneidade, segundo Lacan, é o nascimento do simbólico.¹⁹ O signo sofrerá forçosamente, por sua vez, o processo de negação, a fim de que se construa o registro do Inconsciente (*Unbewusstsein*).

Nossos pontos de interesse são justamente a formação desta segunda estrutura, a do “signo de percepção”, e a negação que ocorre nela, através do processo que Freud denomina, nesta carta, de transcrição. A formação deste segundo estrato – signos de percepção – diz respeito ao primeiro registro das representações, aquele que possibilita a diferenciação entre o fora e o dentro, visto que o primeiro estrato – a percepções – é o de identidade com o mundo externo. O signo, então, mostra-se como o momento em que “originalmente a mera existência de uma representação constituía uma garantia da realidade daquilo que era representado.”²⁰ Trata-se de um signo que já pode ser situado na ordem da linguagem, que funciona como

¹⁷ FREUD. *Projeto para uma Psicologia Científica*. In: Obras Completas, v. I. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1997, p. 433.

¹⁸ FREUD. *Carta 52*. In: Obras Completas, v. I. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1997, p. 325.

¹⁹ LACAN. *Seminário 2 – O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985, p. 69.

²⁰ FREUD. *A negativa*. In: Obras Completas, v. XIX. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1997, p. 298.

INTUITIO	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.1 - No.2	Novembro 2008	pp 33-48
----------	-------------------	--------------	------------	------------------	----------

mediação do sujeito com o mundo externo através da ligação da face material com a face lingüística. Segundo Dör, “o signo lingüístico, com efeito, não une uma coisa a um nome, mas um *conceito a uma imagem acústica*.”²¹ Assim, o signo carrega em si marcas de uma materialidade (sonora, visual, tátil), constituída como representações-objeto, associada à conceitos dados pelo sujeito, as representações-palavra. A negação que ocorre entre os estratos *Wz* (signos da percepção) e *Ub* (inconsciente), por sua vez, é o que possibilita a saída de uma estrutura organizada segundo signos fechados para uma organização aberta na relação entre significante e significado.

Voltando ao comentário de Hyppolite sobre o texto de Freud, *A negação*, o autor distingue dois tipos de negação: a denegação (juízos de atribuição e juízos de existência), e a “negação primária”, formada pelo par afirmação-expulsão primordial (*Bejahung* e *Ausstossung*)²². Interessa-nos aqui esta operação, que diz respeito à origem do pensamento e à separação do sujeito com o mundo externo. Freud escreve o seguinte, neste texto de 1925: “A função do julgamento está relacionada, em geral, com duas espécies de decisões. Ele afirma ou desafirma a posse, em uma coisa, de um atributo particular, e assevera ou discute que uma representação tenha uma existência na realidade.”²³ Consideremos, por hora, a primeira função geral dos juízos, ou seja, a de atribuir a algo uma propriedade. Se no início do processo encontrávamos uma situação em que para o sujeito não havia nada de estranho, ou seja, tudo o que existia fora lhe pertencia imediatamente, vai ser através de uma atribuição, portanto de uma ação judicativa, que o sujeito vai diferenciar-se do mundo externo.

Ora, a “negação primária” é formada pelo par afirmação/expulsão. Seguindo o postulado de Hegel de que toda negação é uma determinação em oposição a outra, encontramos um verso afirmativo e negativo desta operação. Assim, esta “negação primária”, ao mesmo tempo em que determina para o Eu todas as percepções boas, prazerosas, exclui do Eu as percepções que são desprazerosas, ou seja, atribui ao não-Eu e as expulsa da possibilidade de serem representadas. Desse modo, se no momento em que uma percepção é introduzida no Eu, pela negação determinada, ela não representa o não-Eu. Da mesma forma, uma percepção que não se torna representação no Eu é posta no não-Eu e fica como determinação do mundo externo.

²¹ DÖR, *Introdução à leitura de Lacan: O inconsciente estruturado como linguagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998, p. 28.

²² A fim de compreender ambos os usos da negação (denegação e negação primária), seguimos a distinção proposta por Hyppolite (1998, p. 984) entre “a negação interna ao juízo e a atitude da negação”.

INTUITIO	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.1 - No.2	Novembro 2008	pp 33-48
----------	-------------------	--------------	------------	------------------	----------

Consideramos, portanto, que esta “negação primária” resulta na divisão entre sujeito e objeto, formando as primeiras representações como signos. A operação da “afirmação primordial”, então, é a incorporação das primeiras percepções como representações, que vão estruturar os traços mnêmicos do aparelho psíquico. Trata-se de uma primeira escrita simbólica, que leva o sujeito a introjetar os objetos através de signos. Este momento da “negação primordial” é a condição para que uma representação exista dentro do sujeito e, ao mesmo tempo, não se encontre fora dele. Entretanto, esta separação do mundo interno com o mundo externo ainda não é dada definitivamente, pois forma-se, para Freud, uma primeira estrutura de signos, onde há uma mediação ainda direta entre a representação do objeto e o próprio objeto. É uma situação, então, que a representação do objeto ainda dava a garantia de sua existência exterior.²⁴

A “negação primária” mostra-se num duplo movimento simultâneo, sendo a condição necessária para que um objeto torne-se representado para o sujeito. Esta condição, portanto, deve-se primeiro à “afirmação primordial”, quando o sujeito atribui a si mesmo uma determinação e afasta-se desta imediatidade com o exterior. Mas também verificamos o lado negativo desta “negação primária” ao determinar como exterior ao sujeito o que não está dentro dele. Trata-se, então, do duplo processo co-originário de constituição e diferenciação do interior e do exterior. Ao formar o interior, através da “afirmação primordial”, o sujeito constitui o simbólico a partir da introjeção de representações. A outra face da “afirmação primordial” chama-se expulsão (*Ausstossung*). Essa expulsão que constitui o fora, segundo Lacan, é o “que constitui o real, na medida em que ele é o domínio do que subsiste fora da simbolização.”²⁵ Em um sentido lógico, portanto, podemos compreender que primeiro houve a introjeção das percepções como representações e depois a expulsão para fora daquilo que não pôde ser simbolizado por esta “afirmação primordial”. Nas palavras de Lacan, “somos assim levados a uma espécie de intersecção do simbólico e do real, que podemos dizer imediata, na medida em que ela opera sem intermédio imaginário”²⁶.

Conforme vimos anteriormente, para Lacan, uma palavra é a apresentação de uma ausência. Ao mesmo tempo que ela se constitui, também passa a existir a falta daquilo que ela pretende substituir. Este símbolo, portanto, segundo Lacan, constitui “aquilo que não existe

²³ FREUD. *A negativa*. In: Obras Completas, v. XIX. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1997, p. 297.

²⁴ FREUD. *A negativa*. In: Obras Completas, v. XIX. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1997, p. 298.

²⁵ LACAN. *Seminário 3 – As psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988, p. 390.

²⁶ LACAN. *Seminário 3 – As psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988, p. 385.

INTUITIO	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.1 - No.2	Novembro 2008	pp 33-48
----------	-------------------	--------------	------------	------------------	----------

propriamente; e é como tal que ex-siste, pois nada existe senão sobre um suposto fundo de ausência.”²⁷ Por isso podemos compreender porque denomina-se de “expulsão” o segundo processo lógico da “negação primária”, ou seja, porque o objeto é despejado em um mundo no qual nunca mais poderá ser simbolizado como significante. Já no *Projeto* de Freud encontramos tal consideração ao ser tratado o tema de *das Ding*, da perda irre recuperável da coisa. Portanto, a dupla operação *Bejahung-Ausstossung* define-se como o momento mítico de constituição do sujeito, em sua entrada no mundo simbólico, assim como a constituição do real, enquanto o que não foi simbolizado. A questão que vai surgir, então, é a possibilidade de reencontrar, através das percepções, sua representação introjetada. “O sujeito reproduz sua representação das coisas a partir da percepção primitiva que teve delas. Quando ele agora diz que isso existe, a questão é saber [não] se essa representação ainda conserva seu estado na realidade, mas se ele poderá ou não reencontrá-la.”²⁸

Nesta perspectiva, então, Lacan escreve: “O problema em causa, como vocês vão ver, não interessa a nada menos que toda a teoria, se não do conhecimento, pelo menos do julgamento.”²⁹ Para Freud, portanto, podemos considerar o Eu como sendo inicialmente um Eu prático, que age sobre a realidade, escolhendo percepções para se constituir a partir delas. “É a distinção entre o estranho e ele mesmo uma *operação*, uma expulsão”³⁰, afirma Hyppolite. O Eu teórico, aquele que conhece o mundo, aparece em um segundo momento, no qual se dá a constituição da realidade. Neste tempo, o sujeito, ao buscar reencontrar aquelas primeiras representações através do *teste de realidade*, constitui propriamente o mundo realidade (as fantasias da neurose ou os delírios da psicose), diferenciando-a assim da ordem do real, que fora constituído anteriormente. Assim, Freud conclui o texto *A perda da realidade na neurose e na psicose*:

Ao passo que o novo e imaginário mundo externo de uma psicose tenta colocar-se no lugar da realidade externa, o da neurose, pelo contrário, está apto (...) a ligar-se a um fragmento da realidade – um fragmento diferente daquele contra o qual tem de defender-se –, e emprestar a esse fragmento uma importância especial e um significado secreto que nós (...) chamamos de *simbólico*. Vemos, assim, que tanto na neurose quanto na psicose interessa a

²⁷ LACAN. *Seminário 3 – As psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988, p. 394.

²⁸ HYPOLITE. *Comentário falado sobre a Verneinung de Freud*. In LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998, p. 899.

²⁹ LACAN. *Seminário 3 – As psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988, p. 69.

³⁰ HYPOLITE. *Comentário falado sobre a Verneinung de Freud*. In LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998, p. 899. (grifo nosso)

INTUITIO	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.1 - No.2	Novembro 2008	pp 33-48
----------	-------------------	--------------	------------	------------------	----------

questão não apenas relativa a uma *perda da realidade*, mas também a um *substituto para a realidade*.³¹

Portanto, se a “negação primária”, formada pelo par afirmação-expulsão, diz respeito à “relação do sujeito com o ser”³², na organização da ordem simbólica e real, a relação do “sujeito com o mundo” só ocorrerá na construção do mundo externo, isto é, através dos juízos de existências, responsáveis pela verificação, ou melhor, reencontro, das representações com as percepções que já neste momento não podem mais ser encontradas como eram.

Primeiro houve a expulsão primária, isto é, o real como externo ao sujeito. Depois, no interior da representação (*Vorstellung*), constituída pela reprodução (imaginária) da percepção primária, a discriminação da realidade como aquilo que, do objeto dessa percepção primária, não apenas é instaurado como existente pelo sujeito, mas pode ser reencontrado (*wiedergefunden*) no lugar onde este pode apoderar-se dele.³³

A “afirmação primordial”, portanto, é um recorte que o sujeito realiza dentre a totalidade das possibilidades de simbolização, escolhendo as percepções que serão lidas simbolicamente. Do mesmo modo, ele exclui (*Ausstossung*) de si percepções que, por isso, não irão fazer parte de suas representações. Essa exclusão forma, assim, o que é da ordem do real, do mundo exterior e inacessível ao sujeito. Ela impede, portanto, que o sujeito tenha acesso amplo e irrestrito sobre o mundo externo, ou melhor, sobre a sua ligação imediata com o que vem do Outro. As negações propriamente ditas do sujeito, isto é, aquelas que o determinam como psicose ou neurose, forclusão (*Verwerfung*) ou recalque (*Verdrängung*), respectivamente, vão ocorrer sobre aqueles conteúdos que foram simbolizados.³⁴

³¹ FREUD. *A perda da realidade na neurose e na psicose*. In: Obras Completas, v. XIX. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1997, p. 234.

³² LACAN. *Seminário 3 – As psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988, p. 384.

³³ LACAN. *Seminário 3 – As psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988, p. 391.

³⁴ Na tentativa de esclarecer esse duplo processo da *Bejahung-Ausstossung*, podemos escrevê-lo de acordo com a linguagem da lógica formal. Se a *Bejahung* corresponde à afirmação que registra como representação uma percepção do aparelho psíquico, então, poderíamos dizer que tudo que é afirmado é colocado na ordem simbólica das representações: $\forall x \in P : (Bx \rightarrow Sx)$, onde P são todas as Percepções possíveis, Bx são percepções afirmadas ($B = Bejahung$) pelo aparelho psíquico e Sx , as percepções simbolizadas. Por sua vez, o lado negativo desta operação corresponde à da expulsão (*Ausstossung*) das percepções não representadas. Dessa forma, a oração $\forall x \in P : (\neg Bx \rightarrow \neg Sx)$ equivale à afirmação $\forall x \in P : (Ax \rightarrow Rx)$, onde Ax são as percepções excluídas ($A = Ausstossung$) de toda possibilidade de simbolização, formando a ordem do Real (Rx). Concluímos, então que $\forall x \in P : ((Bx \rightarrow Sx) \vee (Ax \rightarrow Rx))$, quer dizer, para toda percepção possível, ou ela é afirmada e então é simbolizada, ou ela é excluída e então se encontra no real. Ora, veremos, a respeito das negações propriamente ditas, que elas agem diretamente em uma representação, ou seja, aquela que produz a castração, a saber, o significante falo (Φx). Assim, $\exists x \in P : (Sx \wedge \Phi x)$, isto é, existe uma

INTUITIO	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.1 - No.2	Novembro 2008	pp 33-48
----------	-------------------	--------------	------------	------------------	----------

Ora, vimos que a formação das primeiras representações resulta na característica de signos, mediadores por simultaneidade entre o interno e o externo. O signo formado por esse processo de afirmação e exclusão é o responsável pela mediação entre o interior e o exterior. Porém, ainda não estamos falando em um sujeito propriamente dito para a psicanálise. Este aparece apenas como resultado da negação que determinará sua estrutura. Os mecanismos de defesa que formam as estruturas psíquicas são negações que possuem diferentes características, agindo cada uma de uma determinada maneira sobre as representações constitutivas da rede de significantes, ou do grupo de representações, do sujeito. Se, portanto, através da Carta 52, consideramos a operação de “negação primária” como a dupla operação afirmação-expulsão (*Bejahung-Ausstossung*) através da qual vemos a separação do vínculo imediato do sujeito com o mundo externo, as negações propriamente ditas, isto é, os mecanismos de defesa, ocorrem diretamente neste conjunto de representações inscritas no aparelho psíquico.

Assim, entre os estratos W (*Percepções*) e Wz (*Signos de Percepções*) opera a “negação primordial”, formando representações separadas das percepções através de signos percepção, onde a representação corresponde mais diretamente ao objeto referente; a passagem de Wz para Ub (*Inconsciente*) é aquela que corresponde ao rompimento do signo em seu vínculo fechado da representação-objeto com a representação-palavra. Dessa forma, através da negação do recalque originário (*Urverdrängung*), esta dupla face dos signos de percepção vai ser separada. A representação-objeto é inscrita (*Niederschrift*) como representação do Inconsciente e a representação-palavra forma o nível da Pré-Consciência/Consciência. O recalque originário, dessa forma, é responsável por transformar a lógica de associação dos signos lingüísticos de Wz na lógica que estrutura o Inconsciente, isto é, as regras da linguagem da metáfora e da metonímia. Para a passagem do sistema Wz ao Ub , então, é necessário uma negação, primeira etapa da constituição propriamente das estruturas psíquicas, que “irá assegurar a passagem do real imediatamente vivido à sua simbolização na

percepção que é simbolizada (quer dizer, é uma representação) e é o significante do falo simbólico (Φx). A forclusão (*Verwerfung*) e o recalque (*Verdrängung*) atuam nesse significante (Φx). Se x é o significante mestre (Φx), então se conclui que $\forall x \in S[(\Phi x) \rightarrow (Fx \vee Rx \vee Dx)]$, onde Fx é o significante forcluído; Rx , o recalcado e Dx , a desmentida: respectivamente, a psicose, a neurose e a perversão.

INTUITIO	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.1 - No.2	Novembro 2008	pp 33-48
----------	-------------------	--------------	------------	------------------	----------

linguagem”³⁵, que será seguida da negação propriamente dita, responsável pelas estruturas da neurose, psicose e perversão.

3. Considerações Finais

Ora, nossa proposta foi realizar a leitura do processo de formação subjetiva tomando como referência o conceito de negação na filosofia de Hegel. Não estamos, com isso, identificando a psicanálise à filosofia, pois isto, em nossa consideração, produziria muitas perdas aos dois campos conceituais. Nossa intenção, pelo contrário, é de inserirmo-nos no campo conceitual da psicanálise através de sentido ao conceito hegeliano de negação. Dessa forma, compreendemos a estruturação das representações psíquicas, assim como a formação do Simbólico e do Real, segundo Lacan, de acordo com o movimento determinado da negação hegeliana. Através da análise de Hyppolite sobre o texto “A negativa”, de Freud, percebemos que a formação das primeiras representações psíquicas, provindas, conforme afirma Freud neste texto, das percepções, sustentam-se nas funções negativas, determinadas e co-extensivas, de afirmação simbólica e exclusão real. Aquela, então, é a origem dos primeiros registros das representações mnêmicas, as quais aproximamos da cadeia significativa proposta por Lacan. Esta, por sua vez, marca a impossibilidade da representação absoluta da realidade, ou seja, a ordem do Real enquanto aquilo que é impossível de ser representado psiquicamente. A negação hegeliana, sempre produz uma afirmação como resultado. Baseando-se nisto, consideramos a dupla operação da constituição psíquica como co-extensivas, visto que não podem ocorrer independentemente, ou seja, a negação e a afirmação das percepções são processos que se realizam simultaneamente.

Referências

- DÖR, J. *Introdução à leitura de Lacan: O inconsciente estruturado como linguagem*. Tradução de Carlos Eduardo Reais. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- FREUD, S. *Projeto para uma Psicologia Científica*. In: *Obras Completas de Sigmund Freud*, v. I. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1997.
- _____. *Carta 52*. Em: *Obras Completas de Sigmund Freud*, v. I. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1997.

³⁵ DÖR, J. *Introdução à leitura de Lacan: O inconsciente estruturado como linguagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998, p. 91.

INTUITIO	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.1 - No.2	Novembro 2008	pp 33-48
----------	-------------------	--------------	------------	------------------	----------

- _____. *A perda da realidade na neurose e na psicose*. In: Obras Completas de Sigmund Freud, v. XIX. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1997.
- _____. *A negativa*. Em: Obras Completas de Sigmund Freud, v. XIX. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1997.
- HEGEL, G.W.F. *Fenomenologia do Espírito*. Tradução de Paulo Meneses. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.
- _____. *Ciencia de la Logica*. Tradução de Augusta e Rodolfo Mondolfo. 2ª Ed. Buenos Aires: Ediciones Solar, 1968.
- _____. *Enciclopédia das Ciências Filosóficas em compêndio*. Volume I – A Ciência da Lógica. Tradução de Paulo Meneses. São Paulo: Edições Loyola, 1995.
- HYPPOLITE, J. *Comentário falado sobre a Verneinung de Freud*. In: LACAN, J. Escritos. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- KOJÈVE, A. *Introdução à leitura de Hegel*. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2002.
- LACAN, J. *Seminário 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Tradução de Marie Christine Laznik Penot. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.
- _____. *Seminário 3: As psicoses*. Tradução de Aluisio Meneses. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.
- TUGENDHAT, E. & WOLF, U. *Propedêutica lógico-semântica*. Tradução de Fernando Augusto da Rocha Rodrigues. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.

INTUITIO	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.1 - No.2	Novembro 2008	pp 33-48
----------	-------------------	--------------	------------	------------------	----------